

}3.4

Padre Manuel Gonçalves

Trajecto de vida

- 1921.08.18 - Nasceu em Monte Córdova
- 1921.08.21 - Foi Baptizado em Monte Córdova
- 1943.08.07 - Prima Tonsura
- 1943.08.08 - Ostiário e Leitor
- 1943.10.10 - Exorcista e Acólito
- 1944.08.06 - Subdiácono
- 1944.10.08 - Diácono
- 1945.08.05 - Presbítero
- 1945.08.31 - Coop. Santo Ildefonso
- 1946.11.25 - Ecónomo de Eiriz (P. Ferreira)
- 1948 - Ecónomo Sanfins de Ferreira (P. Ferreira)
- 1961.09.22 - Vigário Ecónomo de Rebordões
- 1969.10.01 - Assistente Diocesano da LOC e da LOCF e Capelão do "Corpus Cristi"-Gaia
- 1975.07.30 - Vigário Ecónomo da Sé Catedral
- 1978.12.15 - Director Espiritual do Seminário Maior
- 1981.10.03 - Capelão do Hospital de Santo Tirso
 - Professor de Religião e Moral Católica na Escola S. Rosendo, em Santo Tirso
 - Assessor da LOC, na Região (Vigararia) de Santo Tirso
- 2000.08.08 - Faleceu em Monte Córdova, onde foi sepultado no dia seguinte. Exéquias presididas pelo Sr. D. António Taipa, Bispo Auxiliar do Porto.

É-me pedido um testemunho da vida do P. Manuel Gonçalves, sobretudo como Assistente da LOC, no contexto do Ano Sacerdotal que decorre. Tenho muita dificuldade em abarcar a grandeza do seu trabalho, porque não o conheci na fase mais importante em que ele se dedicou a este movimento, a nível diocesano, mais concretamente entre Outubro de 1969 e Julho de 1975. Foi precisamente neste último ano que o conheci, estando eu no Seminário Maior e ele então Pároco da Sé. Para melhor o testemunhar socorri-me de pessoas que o acompanharam nessa fase, particularmente a D^a Angélica, eleita também em 1969 Presidente Diocesana da LOCF, bem como a Joaquim Ribeiro, seu paroquiano em Rebordões e militante da LOC na zona de Santo Tirso, Luísa Vale, militante da LOC de Burgães e ainda o P. Celestino Ramos, seu condiscípulo, amigo e em cuja casa convivemos na última década e meia da sua vida.

Após 14 anos como **pároco de Eiriz e Sanfins**, em Paços de Ferreira, tendo nesta última construído a actual igreja paroquial, foi chamado em 1961 para **pároco de Rebordões**. Nesta paróquia esteve cerca de 8 anos. Foi uma passagem difícil, não só por deixar as primeiras tarefas de pastor, mas porque era muito maior em dimensão e diferente do ponto de vista social. Passou do ambiente rural ao industrial. Causou-lhe surpresa e muito receio, confessava ele depois. Foi um tempo breve, menos de uma década, mas foi uma época muito importante e difícil a nível da Igreja e da ordem social.

Na igreja, em Rebordões, é de realçar, a nível paroquial uma divisão muito grande que havia entre as pessoas e grupos, corporizados entre o pároco mais velho que valorizava pastorais assentes em mentalidades, atitude e métodos do passado e coadjutores que valorizavam outras formas de ser e estar em Igreja, como se adivinhava e se pedia em vésperas do II Concílio do Vaticano que havia de se iniciar muito em breve. A presença pastoral do P. Manuel fez unir as pessoas e os grupos em ordem a uma comunhão não imposta mas querida e realizada pelos próprios. Valorizando, renovando e apoiando grupos essenciais à pastoral, como a Catequese, a Acção Católica, os Escuteiros, os Jovens e a Família e deixando outros grupos de piedade ou outros que vinham do passado e se mantinham por e para exterioridades mais ou menos “folclóricas” mas sem grande conteúdo ou interesse. Neste sentido, o movimento renovador do Concílio ajudou a Igreja, também a nível local, a encontrar o rumo de mudança na relação consigo e com o mundo.

A nível social destaca-se, neste tempo, o primeiro grande surto de desemprego. Numa zona fortemente industrial, fábricas muito antigas e grandes (ex. Fábrica do Rio Vizela, com cerca de 1500 trabalhadores) começam a lançar centenas de trabalhadores no desemprego. Em 1968, nesta circunstância, os padres da vigararia, preparam e lançam um comunicado denunciando e tomando partido pelos trabalhadores em causa. Os desempregados chegaram a vir para a rua pedir para comer. A igreja vive este drama das pessoas e das

famílias. Começa então a primeira grande avalanche de emigração para a Europa (sobretudo França e Alemanha). O P. Manuel sente na pele o incómodo desta gente despejada e sem apoios. Paroquianos e familiares seus começam a experiência da emigração. Risco muito elevado para os pioneiros que vão "a monte", como se dizia, sem qualquer segurança, ou conhecimento da língua e das normas que o minimizassem. É também a guerra do ultramar que marca este tempo e motiva mais a emigração. A igreja acompanha e apoia, como pode, procurando manter sempre a relação das pessoas que a vida afastou. O P. Manuel cria o jornal "A Vida de Rebordões", que ainda hoje se mantém. Distribuído porta a porta, era também o elo de ligação da comunidade com os emigrantes ou militares, dando conta da vida e mostrando o seu pulsar.

Nas palavras de quem o acompanhou nesse tempo, Joaquim Ribeiro (paroquiano), o P. Manuel criou dinâmicas novas para a acção. Apontou caminhos para a realização de um homem novo, à imagem de Cristo, partindo sempre da envolvimento das pessoas no seu meio, na sociedade. Daí o seu empenho na dinamização das organizações sociais, culturais e recreativas, onde deixou bem patente a sua marca. Era uma pessoa amante dos pobres, das famílias operárias e trabalhadoras, das crianças e dos mais desprotegidos. Por isso, toda a sua pastoral e pregação tinham sempre presente a carga do amor e dos valores cristãos e humanos para com eles. Era um homem desprendido, sempre disponível, muito inteligente, de uma humildade impressionante, afável e carinhoso. Era, diz Joaquim Ribeiro, "um santo de carne e osso" ou ainda "um santo de corpo e alma"

Em Outubro de 1969 é nomeado e inicia a missão de **Assistente Diocesano da LOC e da LOCF**. Os dois Movimentos da Liga Operária Católica (masculino e feminino) que viriam a fundir-se num só, a nível diocesano e nacional, já no fim do seu mandato como Assistente.

Diz quem o acompanhou, neste período e nesta função, que o P. Manuel contribuiu pelo seu modo de ser e empenhamento para uma renovação e purificação do movimento. O Círculo Católico dos Operários do Porto está na origem do Centro de Cultura Operária, onde então se formavam os militantes da JOC e JOCF, da LOC e da LOCF. Por sua vez, eram, em muitos casos, estes militantes que nas suas paróquias integravam com mais responsabilidade os diversos grupos pastorais (ex: catequistas). O P. Manuel acompanha esta formação na qual se foi renovando o método da R(evisão) de V(ida) O(perária), dos livrinhos com esquemas, para uma revisão feita pelos próprios militantes a partir da sua vida experimentada. Era mais difícil, dizem, mas fez crescer mais. Também a inserção e compromisso dos militantes começou a ser voltado mais para o mundo, para o compromisso social, e não só ou sobretudo para a missão da Igreja "ad intra". Os militantes tomam consciência da sua responsabilidade de estar no mundo, transformando-o, a partir do próprio meio. É a época do

abraçar a causa social como imperativo de consciência cristã militante. Vários membros integraram os sindicatos, com postos de responsabilidade nos mesmos, e houve sindicatos que tiveram o seu começo na iniciativa de militantes. Esta situação foi vista muitas vezes com desconfiança por muitas pessoas da Igreja, incluindo a hierarquia. Mas se é verdade que alguns perderam o pé, deixando-se arrastar por outras causas, nessa situação, também é verdade que a Igreja aí deu, por muitos, um testemunho de fidelidade ao Evangelho, divulgando e promovendo a doutrina social da Igreja, no mundo dos homens, onde a vida se decide. O P. Manuel no seu saber ouvir e ver, na sua inteligência e fé, soube ser o pastor que confia e motiva para que cada um fosse crescendo. Para além da esperança cristã em Deus ele sabia esperar, convidando ao caminho da descoberta e do crescimento pessoal e do compromisso generoso. Diz a Angélica, vinda ainda jovem, do longínquo interior com a sua família, trabalhar para o Porto, que tinha muitas limitações quando foi chamada a dirigente diocesana. Não sabia redigir bem uma carta, uma circular ou uma acta. O P. Manuel tranquilizava-a, sem se lamentar por isso ou substituí-la. Dizia-lhe: "Faça e depois verificamos se falta alguma coisa. A Angélica é capaz". Também a condução das revisões de vida, o gosto da busca dos "porquês" foram etapas difíceis que o P. Manuel ajudou a percorrer e que deram mais autoconfiança e alegria. Comentava uma vez a Angélica ao P. Manuel que devia muito do que era ao Movimento, ao que ele lhe respondeu: "o Movimento não lhe deu nada que a Angélica não lhe tivesse dado antes".

Ainda no Porto seguiu-se a missão de **Pároco da Sé**. Zona pobre, do ponto de vista económico e social, mas cuja riqueza humana e valores cristãos o P. Manuel soube reconhecer e incentivar. Nesta fase, é ainda chamado para Director Espiritual do Seminário Maior. É nesta fase que tive a felicidade de o conhecer. Para a paróquia abriu também as portas da experiência pastoral de seminaristas, numa inserção que enriqueceu o seminário e a paróquia, levando a uma crescente presença e participação activa de fiéis e, sobretudo, a uma aproximação dos jovens e a uma organização de famílias e regularização da sua vida cristã.

Por motivos de saúde, houve que abandonar esta tarefa e, em 3 de Outubro de 1981, é nomeado **Capelão do Hospital de Santo Tirso**. Desde então, e até quase ao fim dos seus dias, viveu na residência paroquial de Santo Tirso, com o Pároco local, o já referido condiscípulo P. Celestino Ramos, e também comigo, que tinha sido ordenado padre poucos meses antes, e, a partir de 1982 ainda com um estagiário da paróquia. Foram muitos aqueles que, sucedendo-se na situação de estagiários na paróquia de Santo Tirso, com ele conviveram. A sua presença, pela sua sabedoria, a sua inteligência, o seu amor à Igreja, a sua disponibilidade permanente, a sua humildade discreta, criava um ambiente saudável à vida com alegria e ao empenhamento pastoral comprometido. A sua participação não estava apenas no hospital e na casa. De facto, ao nível da

vigararia era uma presença constante nas reuniões e outras actividades do clero. Presença muito activa, sem interferência na responsabilidade dos outros, mas questionando muitas vezes e disponibilizando-se sempre para colaborar. Normalmente ouvia e no fim fazia uma síntese e levantava questões, que nos projectavam para a vida com maior interesse e atenção. Como dizia o P. José Nuno, “os assuntos ficavam sempre de pé.”

Encontrou nesta zona um pequeno grupo da **LOC**. Reunia-se em S. Bartolomeu de Fontiscos com elementos de diversas paróquias. Foi-lhe pedido que os assistisse; o que ele fez de imediato. O grupo renovou de entusiasmo e os seus membros foram trazendo outros que se haviam afastado. Cresceu ao ponto de ser necessário desmembrá-lo. Foram assim surgindo novos grupos, precisamente nas paróquias que tinham aí algum elemento. Em menos de uma década eram seis grupos de base: Fontiscos, Burgães, S. Miguel do Couto, Rebordões, S. Mamede de Negrelos e Guimarei. Foi um tempo de renovada esperança para esta gente que se formou na escola da LOC e que tinha nela o seu sentido de participação activa na Igreja e a fonte de inspiração e alimento do seu compromisso no mundo. A multiplicação dos grupos levou à criação dos coordenadores, que escolhidos em cada grupo base, reuniam com o P. Manuel para a sua formação e promoção de actividades conjuntas. Entre estas estão as festas do Natal e da Páscoa, em que se encontravam todos os militantes, bem como amigos ou familiares, por eles convidados.

Devo ainda referir o meu testemunho, **como pároco dele** nos últimos onze anos de vida. O P. Manuel era uma pessoa universalmente aceite e muito querida, embora muitas vezes fosse uma presença que questionava e, nesse sentido, incómoda porque não deixava ninguém indiferente, mas interpelava sempre. Nada e ninguém lhe era indiferente. Lutou por causas sociais, buscava por direitos que as pessoas tinham, desconhecendo-o, e esteve na origem e condução de uma das muitas Associações da freguesia (Associação de Solidariedade Humanitária de Monte Córdova) que muito lhe deve não apenas nos bens e condições materiais que possui mas sobretudo no espírito que a fez nascer e que ainda, apesar das dificuldades, a mantém com vitalidade. Próximo das pessoas e das famílias, abeirava-se de todos, dando-me muitas vezes conhecimento de algumas que deveriam merecer mais atenção. Se nenhum profeta é bem recebido na sua terra, como diz o Senhor, o P. Manuel foi uma honrosa excepção, embora, como antes se disse, a sua presença causava por vezes incómodo, porque interpelava.

A **nível da paróquia** sempre me ajudou, começando por profeticamente me preparar para aceitar ser pároco da mesma, quando ela estava ainda servida de pastor. Disse-me que as dificuldades não eram mais que aparências e que podia sempre contar com ele. De facto assim foi. Não era preciso pedir-lhe nada porque se antecipava sempre para ajudar no que fosse necessário. Recordo,

das muitas situações significativas disto mesmo, três momentos, em particular, e com isto termino este testemunho. Na primeira visita pastoral à paróquia, no meu tempo de Pároco (1993), organizámos os grupos dos crismandos, por lugares, onde se escolheram os responsáveis. Fazíamos com eles a preparação que depois eles levavam a todos os outros. Eu e o P. Manuel, por vezes, passávamos por esses outros grupos. O entusiasmo dos jovens ao descobrir as suas capacidades e a sua própria responsabilidade foi uma alegre surpresa para eles e para mim. Um segundo momento foi numa grande assembleia de jovens, no salão paroquial. Reuniram-se para resolver algum assunto ou projecto. As divisões entre eles, já conhecidas antes da reunião, manifestaram-se e os ânimos exaltaram-se muito. Ao lado do P. Manuel, eu olhei-o, preparando-me para intervir na contenda. O P. Manuel olhou-me, sorriu e disse: "Não vás. Eles que arranjam o problema têm de o saber resolver." Contrariado, acolhi o conselho e, de facto, tudo foi resolvido pelos próprios. A minha intervenção, embora com bom motivo, seria paternalista e não os ajudaria a crescer. Acreditava de facto nas pessoas e isso dava outra maturidade e segurança. Finalmente, o 3º momento diz respeito às suas bodas de ouro sacerdotais, completadas em 5 de Agosto de 1995. Era justo e necessário que a paróquia se organizasse para marcar essa efeméride. Tínhamos falado em Conselho Paroquial, na sua ausência, mas quando lhe fiz a proposta ele categoricamente disse-me que não estaria presente. Apenas queria celebrar tal data com os seus familiares e comigo. E assim aconteceu. A situações que o expusessem como centro de algo, ele era visceralmente alérgico. Com a família, na igreja paroquial, foi uma celebração muito bela de verdade, de sentido, de gratidão e acção de graças comovente. A família, bem como os jovens e as crianças faziam-no sorrir de imediato.

Finalmente, é transversal a todo o seu ministério presbiteral a disponibilidade para ouvir, no **sacramento da reconciliação**, e para **dirigir espiritualmente** muitos que dele se aproximavam, nos quais eu me incluo.

Por uma sociedade mais justa e uma Igreja mais comprometida; pelos sacerdotes e por todos os que Deus chama a uma vida de especial consagração, sinal da presença do reino, P. Manuel, junto do Pai, Rogai por nós!

P. Manuel Torres